

PRIMEIRAS PALAVRAS: UM ESTUDO A PARTIR DOS INVENTÁRIOS DE DESENVOLVIMENTO COMUNICATIVO

Claudia Tereza Sobrinho da Silva*

RESUMO

O presente artigo apresenta os resultados de um estudo realizado com a aplicação do Protocolo Palavras e Gestos dos Inventários de Desenvolvimento Comunicativo (CDI), adotando uma perspectiva interacionista de aquisição de linguagem. Para a composição do corpus, 27 pais de crianças entre 08 e 16 meses de idade, pertencentes à classe socioescolar A ou B, foram entrevistados. Os dados obtidos permitiram chegar às seguintes conclusões: existe uma assimetria entre a quantidade de itens lexicais compreendidos e a quantidade de itens produzidos; no nível da compreensão, o grupo dos “Nomes Comuns” predomina em todas as faixas etárias, seguido do grupo dos “Predicados”; na produção, as categorias “Sons de Coisas e de Animais”, “Pessoas”, “Objetos e Lugares fora da casa” e “Jogos e Rotinas” dominam até o primeiro ano de vida, sendo que, a partir daí, outras categorias semânticas como “Comidas e Bebidas”, “Palavras de Ação”, “Partes do Corpo”, “Animais” e “Utensílios da Casa” começam a aparecer em maior número. Em linhas gerais, as informações oriundas desta coleta corroboram estudos já realizados, em outras línguas, a respeito dessa fase inicial de aquisição, embora os dados obtidos com o protocolo sejam considerados elevados em comparação com os dados de outros estudos longitudinais e de diário.

PALAVRAS-CHAVE: Aquisição de linguagem. Desenvolvimento lexical. Primeiras palavras. Inventários de Desenvolvimento Comunicativo.

* Professora do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. E-mail: claudia.tsobrinho@gmail.com

ABSTRACT

This paper presents the results of a study of the implementation of the Protocol words and gestures of the Communicative Development Inventories (CDI), adopting an interactionist perspective of language acquisition. To make up the corpus, 27 parents of children between 08 and 16 months of age, socio-educational class A or B, were interviewed. The data obtained suggest the following conclusions: the comprehension of lexical items occurs asymmetrically with regards to production; at the level of comprehension, the group “Common Nouns” predominates at all ages, followed by the group of “Predicatives”; in production the categories “Sounds of Things and Animals”, “People”, “Object and Places outside”, and “Games and Routines” predominate up to one year of age, but after that other semantic categories such as “Foods and Drinks”, “Action Words”, “Parts of the Body”, “Animals”, and “Household Items” begin to appear with greater frequency. Generally, the data from this study corroborate previous research performed in other languages regarding this initial stage of language acquisition, although the data obtained with the protocol may be considered high in comparison with data provided by other studies.

KEYWORDS: Language acquisition. Lexical development. First words. Communicative Development Inventories.

INTRODUÇÃO

Para falar e compreender uma determinada língua é de fundamental importância o conhecimento do seu vocabulário e das palavras que o compõem. Entretanto a aquisição – ou aprendizagem – de uma determinada palavra não se resume apenas à aquisição de sua forma; envolve a aquisição de um conjunto de informações (sintáticas, semânticas, morfológicas) a respeito dessa palavra, além do conhecimento da cultura na qual palavras e sujeitos estão inseridos. Outros aspectos como a existência de uma base biológica, fisiológica e neuromaturativa, além do desenvolvimento de determinadas habilidades cognitivas, fazem parte dos pré-requisitos necessários para que esta aquisição se efetive.

O surgimento das primeiras palavras é um evento que vem sendo

reportado e descrito por pais cientistas, de diversas partes do mundo, há pouco mais de um século. A relação dessas primeiras palavras mostra que, independentemente do país, elas são quase as mesmas. Assim, “suco”, “biscoito”, “pão”, “olho”, “nariz”, “boca”, “chapéu”, “sapato”, “fralda”, “carro”, “caminhão”, “cachorro”, “gato”, “bola”, “boneca”, “copo”, “colher”, “escova”, “chave”, “luz”, “dada”, “mamãe”, “papai”, “bebê”, “cima”, “fora”, “abre”, “não”, “oi”, “tchau”, além de alguns sintagmas formulaicos como “que é isso” e “olha isso” são as mais freqüentemente atestadas (CLARK, 1979; PINKER, 2002). Partindo desse surgimento, muitos pesquisadores procuram investigar a forma como cada uma dessas palavras é utilizada nos primeiros anos de vida; como se processa a construção do signo lingüístico e de que forma as crianças trabalham com os significados deste; a relação existente entre habilidades cognitivas e a aquisição de determinados vocábulos; a influência do meio e da interação na construção do vocabulário, o modo como o falante tem acesso à palavra que deseja pronunciar, entre muitos outros aspectos. Enfim, os estudos voltados para a questão do desenvolvimento lexical inicial (DLI) procuram tentar explicar a forma como a criança, sem nenhuma instrução formal, torna-se capaz de utilizar, de forma adequada e eficaz, as palavras que fazem parte da língua de sua comunidade.

No entanto, verificar os padrões de compreensão e de produção de crianças tão novas – de 8 a 16 meses de idade – não é tarefa das mais fáceis. Essa dificuldade não diz respeito apenas a uma dificuldade de interação. Apesar de uma palavra ser considerada adquirida quando a criança é capaz de apontar, de segurar, de trazer, de oferecer ou de executar qualquer ação com o objeto solicitado, assim como olhar ou voltar-se para ele mais uma vez, o real entendimento de uma palavra, i.e., saber se a criança compreende a palavra “bola” da mesma forma que os adultos a compreendem é uma incógnita. Essa tarefa exige a análise de diversos fatores, como, por exemplo, o contexto de compreensão e de uso, já que a literatura atesta casos de palavras que só são compreendidas e/ou produzidas em um único e determinado contexto; ou palavras que são utilizadas para uma série de outros elementos parecidos como, por exemplo, a produção da palavra “bola” para se referir a outros objetos redondos ou circulares. Um outro fator é a análise do meio sociolingüístico da criança e de suas relações interativas, visto que a entrada lingüística, e mais especificamente, a quantidade de entrada lingüística diretamente dirigida na relação adulto-criança é fundamental

para a aquisição de novas palavras.

Embora existam estudos realizados a respeito dessa fase inicial em várias línguas, a maioria publicada e divulgada é referente a crianças adquirindo a língua inglesa. Praticamente inexitem estudos e listas desse tipo em português, principalmente tendo como foco crianças tão novas. A necessidade de estudos nesta área se torna cada vez mais imediata, já que há o interesse em se investigar, através do cruzamento de dados de diversas línguas, as semelhanças e diferenças no processo aquisicional empreendido por falantes de línguas estruturalmente distintas – investigação esta que tem contribuído para o estudo da existência e da natureza de princípios operacionais básicos de desenvolvimento lingüístico.

Esse fator, aliado à necessidade e à urgência da adaptação para o português brasileiro de um instrumento, o Inventário de Desenvolvimento Comunicativo: Protocolo Palavras e Gestos, desenhado para obter informações a respeito do curso do desenvolvimento lexical inicial para ser utilizado, não apenas em pesquisas mas também como um instrumento para fins de tratamento clínico, foram os propulsores desta pesquisa. Desta forma, reunir, na medida do possível, informações a respeito do curso do desenvolvimento lexical inicial em língua portuguesa, fornecendo, ainda que sem um caráter normativo, um perfil desse desenvolvimento no processo de aquisição do português brasileiro, constituiu o nosso grande foco de interesse. O presente artigo apresenta, portanto, resultados referentes à aplicação do Protocolo Palavras e Gestos do Inventário de Desenvolvimento Comunicativo.

Tal protocolo possui uma série de limitações no que se refere aos tipos de informações que podem ser obtidas a partir de sua aplicação, conforme será visto a seguir. Assumindo essa limitação, adotaremos, aqui, na medida do possível, uma perspectiva interacionista de aquisição de linguagem, partindo do princípio de que o desenvolvimento lingüístico, assim como o desenvolvimento lexical, são decorrentes da interação social e da troca comunicativa entre a criança e os seus interlocutores, ou seja, é da interação com o outro que a criança aprende aquilo que, em breve, ele será capaz de fazer sozinho. São nas seqüências interacionais/dialógicas, nas quais criança e adulto participam, que as crianças encontram os elementos para a construção do seu vocabulário (BRUNER, 1983). Assim sendo, o desenvolvimento lexical – nosso foco de interesse, dentro de uma perspectiva interacionista, não pode ocorrer isolado

das experiências infantis sociointeracionais. Ao contrário: são essas experiências que fornecerão à criança as formas lexicais convencionais que elas adquirem durante esse período inicial.

O PROTOCOLO PALAVRAS E GESTOS: BREVE DESCRIÇÃO

Os Inventários de Desenvolvimento Comunicativo (Communicative Development Inventories - CDI's) foram desenvolvidos após, aproximadamente, 15 anos de pesquisa por estudiosos interessados em desenvolver um instrumento que fosse capaz de fornecer informações sobre o curso do desenvolvimento lingüístico, desde os primeiros sinais gestuais não-verbais até a expansão do vocabulário inicial e o início da gramática, sendo a princípio elaborado para fins de pesquisa e, posteriormente utilizado para fins clínicos (FENSON et al., 1993). Para a composição dos protocolos, os pesquisadores basearam-se em estudos já realizados, como os de Bates et al. (1979), Benedict (1979), Rescorla (1981), entre outros, além dos trabalhos desenvolvidos por Piaget. Listas de freqüências de compreensão e produção de palavras e gestos, realizadas por J. Steven Reznick, em 1988, e Bates e seus alunos no mesmo ano, foram utilizadas como fontes alternativas (TEIXEIRA, 2000).

O protocolo Palavras e Gestos refere-se à medição da compreensão e produção lexical e ao uso de gestos por crianças de 8 a 16 meses. É composto por duas partes. A primeira, na versão em língua inglesa (versão americana) tomada como referência, é composta por 4 seções:

- 1) a Seção A, Primeiros Sinais de Compreensão, contém três perguntas que têm a finalidade de verificar se a criança já começou a responder à linguagem;
- 2) na Seção B, Frases, composta por 28 frases, os pais são solicitados a indicar aquelas que sua criança entende;
- 3) a Seção C contém duas perguntas: uma sobre a freqüência de imitação da criança e outra sobre a freqüência de nomeação;
- 4) a quarta Seção D, a maior do formulário, é composta por uma lista de 396 itens organizados em 19 categorias semânticas. Dez destas categorias incluem substantivos (1. "nomes de animais"; 2. "veículos"; 3. "brinquedos"; 4. "comida e bebida"; 5. "roupas"; 6. "partes do corpo"; 7. "móveis e aposentos"; 8. "utensílios

da casa”; 9. “objetos e lugares fora de casa” e 10. “pessoas”). As outras categorias incluem 11. “efeitos sonoros e sons de animais”, 12. “jogos e rotinas”; 13. “verbos”; 14. “qualidades e atributos”; 15. “pronomes”; 16. “palavras interrogativas”; 17. “preposições e locativos”; 18. “quantificadores” e 19. “palavras de tempo”. Esta seção foi planejada para que os pais indiquem as palavras que seus filhos apenas compreendem e aquelas que eles compreendem e produzem. Uma tentativa de realizar uma investigação do tipo: produz mas não compreende foi realizada, porém sem grandes sucessos, pois os pais não conseguiam fazer tal distinção (FENSON et al., 1993; BATES; DALE; THAL, 1997).

A segunda parte focaliza ações e gestos. São, ao todo, 63 gestos, organizados em 6 categorias (FENSON et al., 1993), a saber: Primeiros Gestos Comunicativos; Jogos e Rotinas; Ação com Objetos e Imitando Ações de Outros Adultos; Fingindo ser pai ou mãe e Fingindo Objetos. Os CDI's adotam como metodologia de coleta o relato parental, pois os elaboradores acreditam haver uma série de vantagens nas informações provenientes deste tipo de metodologia (cf. FENSON et al., 1993). No entanto, essa é duramente criticada. Para alguns pesquisadores, não é muito provável que o CDI possa fornecer uma boa avaliação de compreensão inicial tendo em vista (a) a dificuldade de determinar, a partir de uma única observação, se a criança realmente compreende uma palavra. Como resultado, pode haver uma tendência dos pais a superestimar a compreensão, particularmente no primeiro ano de vida; (b) o fato de o relato dos pais, segundo alguns pesquisadores, mesmo quando complementado por entrevista, não providenciar informação detalhada sobre o contexto preciso no qual a palavra é compreendida e utilizada, dificultando a categorização das palavras.

Além disso, os CDI's possuem uma série de limitações, como reconhecem os próprios elaboradores (cf. BATES; DALE; THAL, 1997). Diversas são as informações a respeito do DLI que não são possíveis de serem investigadas a partir, unicamente, dos dados provenientes do protocolo: informações sobre o desenvolvimento fonológico e sobre frequência de uso de determinado tipo de palavra; não permitem a distinção entre imitação e fala espontânea nem a especificação da extensão dos contextos nos quais as palavras são usadas (uso flexível, presas ao contexto ou frases memorizadas), partindo do pressuposto de

que todas as palavras são referenciais; não permitem, também, verificar casos de super e subextensões, nem verificar a incidência de palavras que são produzidas sem serem compreendidas. Porém, é possível obter "uma visão excepcionalmente clara das mudanças evolutivas dos 8 aos 30 meses de idade e podemos estabelecer os limites de variação, nos níveis de desenvolvimento e entre eles" (BATES; DALE; THAL, 1997, p. 89).

CORPUS

Para compor o corpus da pesquisa, 27 pais de crianças entre 8 e 16 meses de idade, três para cada faixa etária, de ambos os sexos, residentes em Salvador – BA, foram contactados. Além do fator idade, um outro fator foi levado em consideração: o nível de escolaridade dos pais. Desta forma, ao menos um dos pais deveria ter ou o nível médio completo (2º grau) ou o nível superior (completo ou não). Na maior parte, os protocolos, 20 ao todo (74,1%), foram respondidos pelas mães. Apenas 4 (14,8%) foram respondidos pelos pais. Os outros três (11,1%) foram preenchidos (a) pelos dois pais, (b) por uma tia e (c) pelos pais com o auxílio da babá.

RESULTADOS

Existe uma assimetria entre a quantidade de itens lexicais compreendidos e a quantidade de itens produzidos (corroborando informações provenientes dos estudos desenvolvidos por BENEDICT, 1979; BARRET, 1993, 1986; BATES et al., 1997; HARRIS et al., 1995). De um modo geral, os dados mostraram que, a partir dos 8 meses de idade, as crianças já compreendem o próprio nome, deixam de fazer o que estão fazendo quando ouvem um "não" e procuram pelos pais quando ouvem alguém chamá-los, corroborando informações a respeito desta fase inicial de aquisição. A imitação das coisas que escutam inicia-se por volta dos 10 meses de idade, não sendo atestada como regular e começam a nomear as coisas que vêem ao passear pela casa por volta de 1 ano de idade, tendo sido atestado em alguns sujeitos e noutros não.

A análise das informações provenientes da segunda parte, que tem

como foco as ações e os gestos comunicativos, mostra que não há, em linhas gerais, uma seqüência ordenada para o início de brincadeiras, i.e., são poucas as atividades que serão atestadas em todos os sujeitos de uma determinada fase que continuarão pelas fases seguintes, evidenciando a existência de diferenças individuais, quer no nível lingüístico, quer no nível cognitivo.

No que diz respeito ao léxico, as informações podem ser resumidas da forma especificada a seguir:

Na compreensão, a categoria lexical mais freqüente em todas as faixas etárias da amostra foi a dos “Nomes Comuns”, seguida pela categoria dos “Predicados”. Entretanto a análise das categorias semânticas mostra que as “Palavras de Ação” são as mais freqüentes, seguidas das categorias “Utensílios da Casa”, “Comidas e Bebidas” e “Móveis e Aposentos” (cf. Gráfico 1). A média de compreensão aos 8 meses é de, aproximadamente, 66 palavras e a média aos 16 é de, aproximadamente, 190 (cf. Gráfico 2). Quanto à produção, crianças de 8 meses já estão, segundo os pais, produzindo fala significativa. Neste nível, a categoria lexical mais freqüente foi a dos “Nomes Comuns” seguida das categorias excluídas, intituladas “Outras”. A análise das categorias semânticas, isoladamente, mostra que a categoria “Pessoas” é a mais freqüente, seguida das categorias “Comidas e Bebidas”, “Sons de Coisas e de Animais” e das “Palavras de Ação” (Cf. Gráfico 1). A média de produção aos 8 meses é de 2 palavras aumentando para, aproximadamente, 76 aos 16 meses (cf. Gráfico 2).

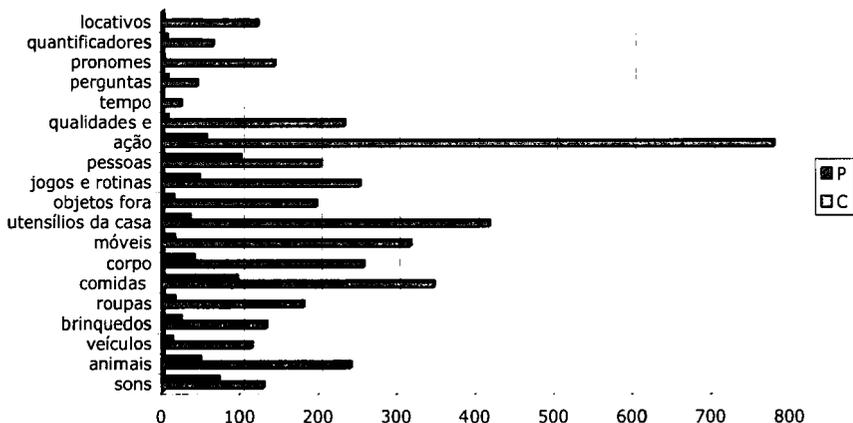


Gráfico 1 – Categorias lexicais e semânticas mais frequentes.

Compreensão X Produção

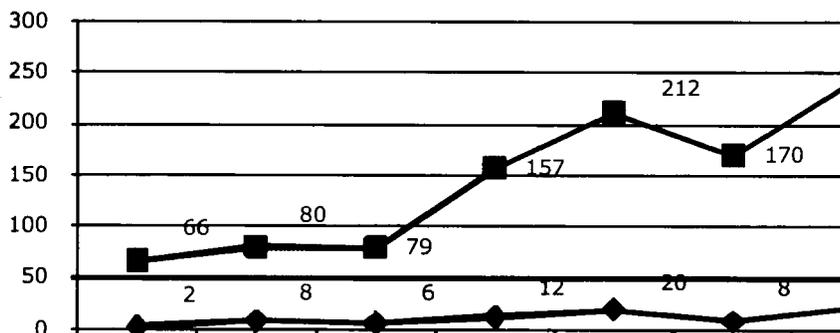


Gráfico 2 – Média de compreensão e de produção das 9 faixas etárias.

Os itens recorrentes na fase inicial do desenvolvimento lexical em crianças adquirindo o português brasileiro são semelhantes aos itens de crianças adquirindo o inglês, confirmando especulações de estudiosos que acreditam que nesta fase inicial as crianças adquirem, basicamente, as mesmas palavras. Assim, “suco”, “biscoito”, “pão”, “olho”, “nariz”, “boca”, “chapéu”, “sapato”, “fralda”, “carro”, “caminhão”, “cachorro”, “gato”, “bola”, “boneca”, “copo”, “colher”, “escova”, “chave”, “luz”, “dá”, “mamãe”, “papai”, “bebê”, “cima”, “fora”, “abre”, “não”, “oi”, “tchau”, comumente registradas em diários parentais a respeito de crianças adquirindo a língua inglesa (cf. CLARK, 1979; PINKER, 2002), também o foram neste estudo, com algumas poucas exclusões e acréscimos.

Embora não existam informações mais detalhadas a respeito do ambiente da criança, da sua relação com os pais e/ou outros adultos que fazem parte do seu dia-a-dia, os dados anteriormente apresentados parecem confirmar a assertiva de que as primeiras palavras estão ligadas a situações que ocorrem regularmente nas brincadeiras e intercâmbios sociointerativos. Um exemplo disso foi a “queixa” de uma das mães durante a leitura dos itens do formulário, já que, segundo ela, a sua criança não conhecia muitos dos itens ali presentes por fazer parte do seu ambiente familiar palavras e objetos relacionados ao teatro, como “palco”, “cenário”, “platéia”, já que seus pais, atores, ensaiam constantemente na sua casa e as brincadeiras rotineiras são encenações. Ademais, palavras como “calcinha”, “vestido”, “saia”, entre outras,

quando atestadas como compreendidas, o foram apenas pelas meninas ao passo que “cueca”, “tambor” por meninos. Obviamente, itens que não fazem parte da casa como “computador”, “escada”, “cadeira de balanço”, “cercadinho”, entre outros, não são assinalados como reconhecidos.

Quanto à produção, os dados também parecem confirmar a hipótese de que as primeiras palavras estejam ligadas ao início do comportamento meio-fins, i.e., o ingresso no estágio 5, sustentando a suposição de que muitos desses primeiros usos tenham uma função diretiva.

Interessante verificar como a produção de itens outros que não aqueles que parecem estar relacionados com as necessidades e/ou interesses imediatos da criança aparecem, com maior frequência, apenas após os 12 ou 13 meses de idade, como é o caso de palavras das categorias “Animais”, “Brinquedos”, “Roupas”, “Partes do Corpo”, “Móveis e Aposentos”, “Objetos e Lugares fora de Casa”, “Palavras de Ação”, “Qualidades e Atributos”, “Perguntas”, “Quantificadores” e “Locativos”, coincidindo com o início da atividade de nomeação de objetos, de forma espontânea, ao passear pela casa, por exemplo. Entretanto vale a pena recordar o fato de não se ter informações a respeito da natureza dessas primeiras palavras, i.e., se são usadas de forma presa ao contexto ou de forma referencial.

Parece realmente existir uma dificuldade no entendimento do objetivo da pesquisa. Esta dificuldade torna-se mais evidente em categorias como “Palavras de Ação”, na qual muitas vezes os pais confundem compreender a palavra com executar a ação. Desta forma, freqüentes eram as necessidades de explicar que não é o executar a ação, mas o compreender da palavra. Além disso, muitas categorias como “Pronomes”, “Palavras de Tempo”, “Qualidades e Atributos”, “Locativos” e “Quantificadores” já eram logo descartadas pelos pais antes da leitura de todos os itens, evidenciando um certo desconforto com a demora da aplicação.

CONCLUSÃO

No que se refere ao desenvolvimento lexical, em linhas gerais, as informações oriundas desta coleta corroboram estudos já realizados a respeito dessa fase inicial de aquisição. Contudo, tendo em vista as

limitações desse instrumento enquanto ferramenta utilizada para traçar um perfil de desenvolvimento linguístico, além das limitações decorrentes da sua metodologia de coleta, o tratamento dos dados dele provenientes merece bastante cautela. Desta forma, as considerações que aqui são apresentadas não devem ser tomadas como normas e/ou padrões de desenvolvimento lexical durante o processo de aquisição do português brasileiro, e, sim, como resultado de um esboço de um perfil, traçado a partir de estudo preliminar que, apesar de uma quantidade razoável de sujeitos – se comparado com alguns estudos que tomam como referência o desenvolvimento de uma única criança –, necessita, devido, em muito, ao instrumento e à metodologia de coleta adotados, de um estudo mais amplo para que se possa fornecer, de forma mais confiável, informações normativas.

Os dados não mostram a existência de diferenças significativas nos dados, com relação à variável classe sócio-escolar dos pais – embora a quantidade de crianças seja pequena e tal fator necessite de uma investigação e de uma análise mais aprofundada. De uma maneira geral, os achados são basicamente os mesmos, tanto com relação aos estudos relativos a crianças adquirindo outras línguas, quanto em relação às próprias crianças deste *corpus*. A diferença parece incidir no que diz respeito à quantidade de palavras compreendidas e produzidas e à velocidade de aquisição. Assim, apesar de haver um certo padrão, uma certa rota no processo de aquisição, a variação existente dentro desse padrão é enorme. Um instrumento como o CDI parece aumentar ainda mais essa variação, já que não provê diversas informações, como a tão necessária análise do contexto (quer de compreensão, quer de uso). A falta dessa informação, aliada à dificuldade de entendimento, por parte dos pais – independentemente da classe sócio-escolar à que pertencem – do que se entender por “primeiras palavras”, acarreta, na maior parte dos casos, uma superestimação da capacidade linguística do seu filho. Este fato traz como consequência altos percentuais, principalmente no que se refere à produção, como os atestados para os 8 e 9 meses de idade. Apesar de não investigar a interação adulto-criança, os dados obtidos a partir da aplicação do CDI parecem confirmar a premissa de que o desenvolvimento lexical não pode ocorrer isolado das experiências infantis sociointeracionais, sendo essas experiências as responsáveis por fornecer à criança as formas lexicais convencionais que elas adquirem durante esse período inicial. Assim, uma vez que os pais e/ou outros

interlocutores recorrentes são figuras-chave na socialização, o processo de aquisição não pode estar centrado unicamente na criança – o que torna a aquisição da linguagem um processo socialmente distribuído (VYGOTSKY, 1998) – visão essa que também é amparada por uma Abordagem de Socialização da Linguagem (cf. OCHS; SCHIEFFELIN, 1997). Daí a necessidade de investigarmos todo o contexto interacional, além do contexto de compreensão e de produção de palavras e enunciados.

As limitações realmente existem, contudo a necessidade de um estudo normativo se faz presente, não apenas para a normatização do instrumento, que parece possuir um grande valor e uma grande utilidade na área clínica, como também devido a uma necessidade de informações a respeito de padrões, ainda que bastante limitados qualitativamente, durante o processo de desenvolvimento lexical inicial na aquisição do português brasileiro, a fim de se confrontarem dados provenientes de diversas línguas.

REFERÊNCIAS

BARRET, M. Early language development. In: SLATER, A.; BREMNER, C. (Ed.) *Infant development*. London: Lawrence Erlbaum Associates, 1993, p. 211-241.

BATES, E. (ed.) *The emergence of symbols: cognition and communication in infancy*. New York: Academic Press, 1979.

BATES, E.; DALE, P. S.; THAL, D. Diferenças individuais e suas implicações para as teorias do desenvolvimento da linguagem. In: FLETCHER, P, MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 87-130.

BENEDICT, H. Early lexical development: comprehension and production. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n 6, 1979, p. 183-200.

BRUNER, J. *Child's talk: learning to use language*. Oxford University Press, 1983.

CLARK, E.V. Building a vocabulary: words for objects, actions, and relations. In: FLETCHER, P.; GARMAN, M. (Ed.). *Language acquisition: studies in language development*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979, p. 149-160.

FENSON, L. et al. *MacArthur Communicative Development Inventories: user's guide technical manual*. San Diego, California: Singular Publishing Group, 1993.

HARRIS, M. et al. Symmetries and asymmetries in early lexical comprehension and production. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n. 22, 1995, p. 1-18.

OCHS, E.; SCHIEFFELIN, B. O impacto da socialização da linguagem no desenvolvimento gramatical. In: FLETCHER, P., MACWHINNEY, B. *Compêndio da linguagem da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 69-84, 1997.

PINKER, S. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 333-378.

RESCORLA, L. Category development in early language. *Journal of Child Language*, Cambridge University Press, n. 8, p. 225-38, 1981.

TEIXEIRA, E. R. A adaptação dos Inventários MacArthur de Desenvolvimento Comunicativo (CDI's) para o português brasileiro. In: *Anais do II Congresso Nacional da ABRALIN*. Taciro - Produção de CDs Multimídia, 2000. 479 - 487.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.